

Alunos deixam escola após 7 tentativas

"Alunos reprovados só abandonam a escola depois de seis ou sete anos de tentativa", admitiu ontem a diretora da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp) da Secretaria Estadual de Educação, Eny Maia. Ela disse que a escola brasileira utiliza critérios rígidos de aprovação e reprovação porque resiste em trabalhar com a idéia de padrões diferenciados de desempenho dos alunos. Segundo a professora, de cada mil matriculados na 1^a série do 1^º grau, apenas 444 chegam à 8^a. Destes, 32 concluem o curso em 8 anos, enquanto os restantes 412 levam de 9 a 13 anos.

Na rede pública do Estado de São Paulo, o quadro muda, garantiu. A proporção dos que chegam à 4^a série é maior — 88 para cada grupo de 100 — e os estudantes não levam tanto tempo para chegar à 4^a série, mas certamente passam de quatro anos. O professor Sérgio Costa Ribeiro, do Laboratório Nacional de Computação Científica,

disse que o congestionamento da rede física nacional acontece justamente devido ao tempo excedente que as crianças ficam na escola por conta do sistema capenga.

Se os padrões de ensino melhorassem, o governo não precisaria mais construir uma sala de aula para atender a demanda de 7 a 14 anos. "As vagas serão sempre suficientes porque o crescimento vegetativo da população nesta faixa caiu de 0,2% para menos 0,1%, entre 1980 e 1990, e na primeira década do ano 2.000 esta queda vai dobrar", previu Costa Ribeiro.

O ex-secretário municipal de Educação, Mário Sérgio Cortella, não acha que há escolas suficientes. "Só em São Paulo, o déficit é de 300 mil vagas no primeiro grau", informou. Cortella lembrou que o professor José Goldemberg, na época em que era ministro da Educação, chegou a sustentar a tese de que as vagas escolares no Brasil estavam em patamar satis-

fatório. "A análise não é tão simples assim", contestou Cortella. As projeções, exemplificou, não levam em conta as dificuldades de cada região. "Às vezes, as vagas estão onde não há demanda e vice-versa".

Para o professor Costa Ribeiro, a "distorção dos números não vai acabar tão cedo. "No Brasil, a Educação é moeda política na barganha eleitoral, mas apenas 0,8% do PIB é aplicado no setor", analisou. Ainda assim, as verbas se diluem em obras faraônicas e medidas paternalistas, como distribuição de merenda e livros.

Existem hoje no País 30 milhões de vagas no 1º grau. A pesquisa coordenada por Costa Ribeiro demonstrou que o brasileiro é um povo motivado para a educação e que a repetência não é privilégio de classe social: entre os 10%, mais pobres da população, 75% dos alunos matriculados na primeira série são reprovados; entre os 10% mais ricos, o índice é de 40%.